



Publicado em 23/04/2026 - 09:50

## **Leucemia mieloide aguda: estratégia muda paradigma do tratamento em idosos**

---

*Avanços na medicina de precisão e terapias-alvo transformam o prognóstico de grupo historicamente vulnerável*

Por Jordana Aragão\*

No cenário epidemiológico brasileiro, o Instituto Nacional de Câncer (INCA) projeta a ocorrência de 12.200 novos casos de leucemia anualmente para o triênio 2026-2028. Desses, aproximadamente 30% são classificados como leucemia mieloide aguda (LMA). A incidência da LMA cresce progressivamente com a idade, sendo acentuada na população idosa, com cerca de 61% dos diagnósticos concentrados em indivíduos com 65 anos ou mais.

Historicamente, a alta agressividade biológica da leucemia mieloide aguda em pacientes idosos impunha desafios terapêuticos significativos. Frequentemente, a presença de comorbidades e a fragilidade funcional tornavam esse grupo inelegível para os regimes de quimioterapia intensiva ou transplante de medula óssea. Nesses casos, a toxicidade dos tratamentos convencionais poderia comprometer severamente a qualidade de vida, elevando o risco de mortalidade relacionada ao tratamento acima do benefício clínico esperado.

Contudo, a evolução exponencial da medicina de precisão, especialmente ao longo dos últimos dez anos, tem alterado esse panorama de forma substancial. A introdução das primeiras terapias-alvo no Brasil marcou o início de uma abordagem personalizada: medicamentos que atuam em alterações moleculares específicas das células tumorais, preservando as células saudáveis e reduzindo os efeitos adversos sistêmicos. Cenário especialmente promissor no campo da LMA, onde mutações genéticas recorrentes podem ser identificadas na quase totalidade dos casos, abrindo verdadeiras janelas de oportunidade para tratamentos desenhados sob medida.

A compreensão da diversidade genômica da leucemia mieloide aguda impulsionou a descoberta de novos marcos terapêuticos. Um exemplo é o ivosidenibe, primeiro

inibidor seletivo direcionado a pacientes com mutações no gene IDH1, aprovado no Brasil em 2025. Este fármaco inaugurou uma nova era na terapia para a doença no nosso país, de tratamentos menos agressivos e customizados para mutações genéticas específicas. Para o paciente idoso, essas inovações representam uma mudança real no prognóstico, oferecendo maior longevidade com um cotidiano livre dos efeitos colaterais severos dos tratamentos anteriores.

Em termos de desfechos clínicos, observamos uma transição de sobrevidas curtas, antes medidas em meses, para períodos que agora se estendem por anos. Do ponto de vista científico, o ganho em eficácia é acompanhado por um perfil de segurança com menor toxicidade. Sob a ótica humanística, isso se traduz na preservação do convívio familiar, na manutenção da funcionalidade em eventos sociais e no cotidiano do paciente, priorizando sempre a sua qualidade de vida.

O futuro reserva avanços ainda mais promissores. Em editorial recente, o periódico *The Lancet Haematology* (relevante publicação científica internacional) destacou o papel crescente da inteligência artificial e do machine learning na análise de dados genômicos complexos. Essas tecnologias prometem refinar a estratificação de risco e identificar novos alvos terapêuticos para lidar com a complexidade molecular da leucemia mieloide aguda, especialmente nos extremos etários.

O reconhecimento do progresso científico é um ato de cuidado. Para o paciente idoso, a ciência hoje oferece o que há de mais valioso: a possibilidade de tempo com dignidade e autonomia.

\*Jordana Aragão é médica hematologista, integrante do Grupo Oncoclínicas e do INCA (RJ), com foco no diagnóstico e tratamento de neoplasias hematológicas

<https://veja.abril.com.br/coluna/letra-de-medico/leucemia-mieloide-aguda-estrategia-muda-paradigma-do-tratamento-em-idosos/>

**Veículo:** Online -> Site -> Site Veja